

Ato de Fundação 21 de junho de 1964

Fundo – tão só quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise, da qual sustentarei, pelos quatro próximos anos de que nada no presente me impede de responder, pessoalmente a direção.

Esse título em minha intenção representa o organismo onde deve se cumprir um trabalho – que, no campo aberto por Freud, restaure a relha cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, aí denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando o seu emprego.

Este objetivo de trabalho é inseparável de uma formação a ser dispensada nesse movimento de reconquista. Quer dizer que aí estão habilitados, de pleno direito, aqueles que eu mesmo formei, e que para ela estão convidados todos os que puderem contribuir para introduzir, dessa formação, o bem-fundado da provação.

Aqueles que vierem para esta Escola se engajarão no cumprimento de uma tarefa submetida a um controle interno e externo. É assegurado, em troca, que nada lhes será poupado; para que tudo aquilo que eles façam de válido tenha a repercussão merecida, e no lugar que convier.

Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada num pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) se comporá no mínimo de três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. MAIS UMA, incumbida da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um.

Após certo tempo de funcionamento, os integrantes de um grupo verão ser proposta a permuta para outro grupo.

O cargo de direção não constituirá uma chefia cujo serviço prestado será capitalizado para o acesso a um grau superior, e ninguém será tido como rebaixado por retornar ao nível de trabalho de base.

Pela razão de que toda iniciativa pessoal recolocará seu autor nas condições de crítica e controle, nas quais todo trabalho a ser empreendido será submetido à Escola.

Isso não implica de forma alguma numa hierarquia de cima para baixo, mas numa organização circular cujo funcionamento, fácil de programar, se firmará na experiência.

Constituímos três seções, nas quais sustentarei a marcha, com dois colaboradores me secundando em cada uma.

Seção de psicanálise pura, ou seja, práxis e doutrina da psicanálise propriamente dita, que é e não é nada além – o que será estabelecido no seu devido lugar – do que a psicanálise didática.

Os problemas urgentes a serem colocados sobre todas as conseqüências da didática encontrarão aqui como trilhar uma via por um confronto mantido entre pessoas que tenham a experiência da didática e candidatos em formação. Sua razão de ser sendo fundada sobre aquilo que não há por que encobrir: a saber, na necessidade que resulta das exigências profissionais, cada vez que elas levam o analisado em formação a assumir uma responsabilidade, por menos analítica que seja.

É no interior desse problema e como um caso particular que deve ser situado aquele da entrada em supervisão. Prelúdio para definir esse caso com critérios que sejam outros que a impressão de todos e o preconceito de cada um. Pois sabe-se que essa é atualmente sua única lei, quando a violação da regra implicada na observância de suas formas é permanente.

Desde o início e em todo caso uma supervisão qualificada será assegurada, ao praticante e em formação em nossa Escola.

Serão propostos para o estudo assim instaurado os traços pelos quais eu mesmo rompo com os *standards* afirmados na prática didática, assim como os efeitos imputados a meu ensino sobre o curso de minhas análises, quando é o caso de, a título de alunos, meus analisados assistem a ele. Incluiremos nisso, se for preciso, os únicos impasses a serem destacados de minha posição em tal Escola.

a, a saber, aqueles que a própria indução a que visa meu ensino engendraria em seu trabalho.

Esses estudos, cujo ápice é a colocação em questão da rotina estabelecida, serão recolhidos pela diretoria da seção, que zelará pelos caminhos mais propícios para sustentar os efeitos de sua solicitação.

Três subseções:

Doutrina da psicanálise pura;

Crítica interna de sua práxis como formação;

Supervisão dos psicanalistas em formação.

Postulo, enfim, como princípio de doutrina, que essa seção, a primeira, bem como aquela da qual falarei o destino no item 3, não se deterá em seu recrutamento na qualificação médica, a psicanálise pura não sendo em si mesma, uma técnica terapêutica.

Seção de psicanálise aplicada, o que quer dizer de terapêutica e de clínica médica.

Serão aí admitidos os grupos médicos, sejam eles compostos ou não de sujeitos psicanalisados, por pouco que estejam em condição de contribuir para a experiência psicanalítica; pela crítica de suas indicações nos seus resultados; pela posta a prova dos termos categóricos e das estruturas que ali introduzi como sustentando o fio reto da práxis freudiana – isso no exame clínico, nas definições nosográficas, na própria posição dos projetos terapêuticos.

Aqui também temos três subseções:

Doutrina do tratamento e de suas variações;

Casuística;

Informação psiquiátrica e prospecção médica.

Uma diretoria para autenticar cada trabalho como sendo da Escola, e tal que sua composição exclua todo conformismo preconcebido.

Seção de recenseamento do campo freudiano

Ela assegurará de início o prestar contas e a censura crítica de tudo aquilo que oferecem nesse campo as publicações que ali se pretendem autorizadas.

Ela empreenderá a colocação em dia dos princípios dos quais a práxis analítica deve receber, na ciência, seu estatuto. Estatuto que, por mais particular que seja preciso, enfim, reconhecê-lo, não seria o de uma experiência infável.

Ela convidará, enfim, tanto a instruir nossa experiência quanto a comunicá-la, o que, do estruturalismo instaurado em certas ciências pode esclarecer aquilo cuja função demonstrei na nossa – no sentido inverso daquilo que de nossa subjetivação, essas mesmas ciências podem receber de inspiração complementar.

Em última instância, uma práxis da teoria é requerida, sem a qual a ordem de afinidades que desenham as ciências a que chamamos conjecturais ficará à mercê desta deriva política que se alça da ilusão de um condicionamento universal.

Portanto, de novo três subseções:

Comentário contínuo do movimento psicanalítico;

Articulação com as ciências afins;

Ética da psicanálise, que é práxis de sua teoria.

O fundo financeiro constituído inicialmente pela contribuição dos membros da Escola, pelas subvenções que ela obterá eventualmente, ou pelos serviços que prestará enquanto Escola, será inteiramente

ente reservado para seu esforço de publicação.

Em primeiro lugar um anuário reunirá os títulos e o resumo dos trabalhos da Escola, onde quer que tenham sido publicados, anuário no qual figurarão, sobre sua simples demanda, todos os que ali tiverem tido alguma função. Aderir-se-á à Escola apresentando-se a um grupo de trabalho constituído como dissemos.

A admissão, no início, será decidida por eu mesmo, sem que eu leve em conta as posições tomadas por qualquer um no passado, a respeito de minha pessoa, certo que estou de que aqueles que me deixaram, não sou eu quem lhes quer mal, são eles que me quererão sempre mais mal por não o mais poderem voltar atrás.

Minha resposta, de resto, concernirá apenas ao que eu puder presumir ou constatar a título do valor do grupo e do lugar que ele pretender preencher inicialmente.

A organização da Escola, com base no princípio de rotatividade que indiquei, será instaurada pelos cuidados de uma comissão habilitada por uma primeira assembléia plenária, que se realizará dentro de um ano. Essa comissão a elaborará com base na experiência percorrida ao término do segundo ano, quando uma segunda assembléia terá que aprová-la.

Não é necessário que as adesões cubram o conjunto deste plano para que ele funcione. Não preciso de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos, como sou desde já.

Nota anexa

Este ato de fundação toma como nulos hábitos simples. Pareceu, entretanto, deixar algumas questões em aberto para aqueles a quem esses hábitos ainda regem.

Um guia do usuário, em sete itens, dará aqui as respostas mais solicitadas – donde poder-se-á suportar as perguntas que elas dissipam.

Do didata

Um psicanalista é didata, desde que tenha feito uma ou mais psicanálises que se tenham revelado didáticas.

É uma habilitação de fato, que sempre se passou assim, na verdade e que não depende de nada além de um anuário ratificando fatos, sem que tenha, sequer, de se pretender exaustivo.

O uso do consentimento dos pares tornou-se caduco por ter permitido a introdução muito recente do que se chama “a lista”, a partir do momento em que uma sociedade pôde utilizar esta última para fins que desconhecem da maneira mais clara as próprias condições da análise a ser empreendida, bem como da análise em curso.

Condições cujo essencial é que o analisado seja livre para escolher seu analista.

Da candidatura à Escola

Uma coisa é a candidatura a uma Escola, e outra é a qualificação de uma psicanálise didática.

A candidatura à Escola exige uma seleção a ser pautada segundo seus objetivos de trabalho.

Seu encargo será tomado, a princípio, por uma simples comissão de acolhimento chamada *Carda*, isto é, gonzo dito em latim, o que indica seu espírito.

Recordemos que a psicanálise didática só é exigida pela primeira seção da Escola, embora seja desejável para todas.

Da psicanálise didática

A qualificação de uma psicanálise como didática foi praticada até o presente, por uma seleção na qual, para julgá-la, basta constatar que ela não permitiu articular nenhum de seus princípios desde que e começou a existir.

E nenhum terá mais chance de se destacar no futuro, exceto se romper primeiro com um uso que se presta à derrisão.

O único princípio certo a formular, ainda mais por ter sido desconhecido, é que a psicanálise e constitui-se como didática pelo querer do sujeito, e que ele deve ser advertido de que a análise contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ele encerra.

Da psicanálise didática na participação na Escola

Aqueles que empreendem uma psicanálise didática o fazem por sua iniciativa e por sua escolha.

O título desta nota implica, inclusive, que eles podem estar em condições de autorizar seu psica

nalista como didata.

Mas a admissão na Escola lhes impõe a condição de que se saiba que eles se engajaram nessa empreitada, onde e quando.

Pois a Escola, qualquer que for o momento em que o sujeito entra em análise, tem que pôr esse fato na balança com a responsabilidade, da qual não pode declinar, de suas conseqüências. É uma constante que a psicanálise tenha efeitos sobre toda prática do sujeito que nela se engaja. Quando essa prática provém, por pouco que seja, de efeitos psicanalíticos, ele se descobre a engendrará-los no lugar em que tem que reconhecê-los.

Como não ver que a supervisão se impõe desde o momento desses efeitos, antes de mais nada para proteger aquele que aí comparece na posição de paciente?

Alguma coisa está aqui em jogo de uma responsabilidade que a realidade impõe ao sujeito, quando ele é praticante, de assumir por conta e risco. Fingir ignorar esse fato é a incrível função que se conserva na prática da análise didática: presume-se que o sujeito não exerce a psicanálise, ou ele é tido como a violar, por seu feito, uma regra de prudência, quiçá de honestidade. Ao se observar essa regra, o sujeito que ali acaba por falhar em sua função, não está fora dos limites do que acontece, como sabemos, por outro lado.

A Escola não saberá abstrair-se desse desastroso estado de coisas, em razão mesmo do trabalho que ela é feita para garantir.

Por isso é que ela assegurará as supervisões que convierem à situação de cada um, fazendo frente a uma realidade da qual faz parte a concordância do analista.

Inversamente, uma solução insuficiente poderá motivar para ela uma ruptura de contrato.

Do engajamento na Escola

Ingressa-se agora na Escola por dois acessos:

O grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação, e que se chamará *cartel*, apresenta-se para minha aprovação com o título do trabalho que cada um se prestar a dar prosseguimento.

Os indivíduos que quiserem fazer-se conhecer, por qualquer projeto que seja, encontrarão caminho útil junto a um membro do *Cartel* os nomes dos primeiros a terem aceitado seu encargo, a meu pedido, serão divulgados antes de 20 de julho. Eu mesmo encaminharia para um deles quem me fizesse demanda.

Do estatuto da Escola

Minha direção pessoal é provisória, ainda que prometida por quatro anos. Eles nos parecem necessários para o deslanchar da Escola.

Se seu estatuto jurídico é desde já o da associação declarada sob a lei de 1901, cremos dever, primeiramente, fazer aprovar em seu movimento o estatuto interno, que será, num prazo fixado, proposto ao consenso de todos.

Lembre-mos de que a pior objeção que se pode fazer às sociedades da forma existente é o esgotamento do trabalho, manifesto até na qualidade, que elas causam entre os melhores.

O sucesso da Escola se medirá pela publicação de trabalhos que sejam aceitáveis em seu lugar.

Da Escola como experiência inaugural

Esse aspecto impõe-se suficientemente, pensamos, no ato de fundação, e deixamos a cargo de cada um descobrir suas promessas e seus obstáculos.

Àqueles que puderem interrogar-se sobre o que nos guia, desvendaremos sua razão.

O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho.

Os "seminários", aí incluso nosso curso da École d'Études Supérieures, não fundarão nada, caso eles não façam referência a essa transferência.

Nenhum aparelho doutrinário, e especialmente o nosso, por propício que possa ser à direção do trabalho, pode prejudicar conclusões que serão seu resto.

Preâmbulo

Esta fundação, podemos antes de tudo levantar a questão de sua relação com o ensino que não deixa sem garantia a decisão de seu ato.

Estabelecer-se-á que, por mais qualificados que sejam os que estiverem em condições de ali discutir esse ensino, a Escola não depende dele, nem tampouco o dispensa, já que ele se desenvolve fora dela.

Se para este ensino, com efeito, a existência de uma audiência que ainda não tomou sua medida revelou-se no mesmo momento crucial que impôs a Escola, é ainda mais importante marcar aquilo que os separa.

Escola Freudiana de Paris – esse título, mantido em reserva no ato de fundação, anuncia bem as intenções das quais procedemos, àquele que se ativer a seus termos.

Deixemos de lado o lugar em que se retoma, não sem razão de fazê-lo, com o escudo de origem, o desafio que ele traz, já por Freud saudado: a Escola afirma-se antes de tudo freudiana, pelo que – se há uma verdade que sem dúvida se sustenta numa presença paciente a reiterá-la, mas que, desse efeito, tornou-se consciência como que da área francesa – é que a mensagem freudiana ultrapassa e muito, em sua radicalidade, o uso que dela fazem os praticantes de obediência anglófona.

Mesmo que se estenda a mão, na França como alhures, a uma prática mitigada pela invasão de uma psicoterapia associada às necessidades da higiene mental, é fato que nenhum praticante deixa de mostrar seu incômodo ou sua aversão, até mesmo derrisão ou horror, à medida que as ocasiões que e proporciona a si mesmo de imergir no lugar aberto em que a prática aqui denunciada assume uma forma imperialista – conformismo da meta, barbarismo da doutrina, regressão rematada a um psicologismo puro e simples, tudo isso mal compensado pela promoção de um clericalismo fácil de caricaturar, mas que, em sua compunção, é bem o resto que dá testemunho da formação pela qual a psicanálise não se dissolve naquilo que propaga.

Essa discordância, que a figuremos pela evidência que surge ao interrogarmos se não é verdade que, em nossa época, a psicanálise está em toda parte, e os psicanalistas, em outro lugar.

Pois não é em vão que podemos nos espantar que apenas o nome de Freud, pela esperança de verdade que conduz, tenha condição de afrontar o nome de Marx, suspeita esta não dissipada, embora seja patente que o abismo entre eles impenetrável, e que, na via por Freud entreaberta, poder-se-ia perceber a razão por que fracassa o marxismo em dar conta de um poder cada vez mais desmesurado e mais louco quanto ao político, se ainda não entra em jogo um feito de revigoração de sua contradição.

Que os psicanalistas não estejam em condição de julgar os males em que se banham, mas que ainda se sintam falhando, já é o bastante para explicar que respondam a isso com um enquistamento do pensamento. Demissão que abre caminho para uma falsa complacência, portadora, para o beneficiário dos mesmos efeitos de uma verdadeira: nesse caso, o selo, que eles aviltam, dos termos de que detêm a guarda, em prol da iniciativa que não é de modo algum em si, o mote da economia reinante, mas na qual é cômodo o preparo daqueles que ela emprega, até mesmo nos altos postos – a orientação psicológica e seus diversos ofícios.

Assim, a psicanálise fica por demais à espera, e os psicanalistas fora do prumo, para que se possa desembaraçar o suspense em outro lugar que não o próprio ponto em que eles se desviaram: a saber, na formação de psicanalista.

Não, que a Escola não disponha do que lhe assegura não romper nenhuma continuidade – a saber, de psicanalistas irrepreensíveis, sob qualquer ponto de vista, posto que lhes teria bastado, como a aconteceu com o resto dos sujeitos formados por Lacan, que renegassem seu ensino para serem conhecidos por uma certa “Internacional”, e que é notório que eles devem apenas a sua escolha e a seu discernimento de terem renunciado a esse reconhecimento.

É a Escola que coloca em questão os princípios de uma habilitação patente e do consentimento daqueles que notoriamente a receberam.

No que ela se verifica mais ainda como freudiana, o termo Escola vindo agora para nosso exame.

Ele deve ser tomado no sentido em que, em tempos antigos, queria dizer certos lugares de refúgio, ou bases de operação contra o que já se podia chamar de mal-estar na civilização.

A nos atermos ao mal-estar da psicanálise, a Escola se presta a oferecer seu campo não somente a um trabalho de crítica: à abertura do fundamento da experiência, ao questionamento do estilo de vida sobre o qual ela desemboca.

Os que se engajam aqui se sentem sólidos o bastante para enunciar o estado manifesto das coisas: que a psicanálise, presentemente, nada tem de mais certo para fazer valer em seu ativo do que a produção de psicanalistas – ainda que este balanço pareça deixar a desejar.

Não que aí nos abandonemos a alguma auto-acusação. Estamos conscientes de que os resultados da psicanálise, mesmo em estado de verdade duvidosa, fazem uma figura mais digna do que as flutuações da moda e as premissas cegas em que se fiam tantas terapêuticas no domínio em que a medicina não parou de se situar quanto a seus critérios (seriam os da recuperação social isomorfos aos da cura?) e parece até estar recuando quanto à nosografia: referimo-nos à psiquiatria, transformada numa questão para todos.

É até bastante curioso ver como a psicanálise banca aí o pára-raios. Como, sem ela, se faria alguém ser levado a sério, ali mesmo onde tira o mérito da oposição a ela? De onde um *status quo* em que o psicanalista pouco se incomoda com a opinião que fazem de sua insuficiência.

A psicanálise se distingue, a princípio, entretanto, por dar um acesso à idéia de cura em seu domínio, a saber: dar aos sintomas seu sentido, dar lugar ao desejo que eles mascaram, retificar de modo exemplar a apreensão de uma relação privilegiada – ainda que tivesse sido preciso poder ilustrá-lo com distinções estruturais que exigem as formas da doença, reconhecê-las nas relações do ser que demanda e que se identifica com essa demanda e com essa identificação elas mesmas.

Ainda seria preciso que o desejo e a transferência que os animam tivessem provocado os que deles tenham tido a experiência, até lhes tornar intoleráveis os conceitos que perpetuam uma construção do homem e de Deus na qual entendimento e vontade se distinguem de uma pretensa passividade do primeiro modo à arbitrariedade – atividade que ela atribui ao segundo.

A revisão a que conclamam, do pensamento, as conexões com o desejo a que Freud lhe impõe, parece estar fora dos recursos do psicanalista. Sem dúvida, estes são obscurecidos pelas precauções que os fazem curvar-se à fraqueza daqueles que ele socorre.

Há um ponto, no entanto, em que o problema do desejo não pode ser eludido: é quando se trata do próprio psicanalista.

E nada é mais exemplar da pura tagarelice do que a voz corrente a esse respeito: que é aí que se condiciona a segurança de sua intervenção.

Perseguir nos álibis o desconhecimento que aí se protege com documentos falsos exige o encontro do mais válido numa experiência pessoal com aqueles que exigirão que ela seja declarada, tomando-a por um bem comum.

As próprias autoridades científicas são, aí, reféns de um pacto de carência que faz com que já não o fique mais de fora o que se pode esperar uma exigência de controle que estaria na ordem do dia e em todos os outros lugares.

Isso é da conta tão-somente daqueles que, psicanalistas ou não, interessam-se pela psicanálise e em ato.

É para eles que se abre a Escola, para que eles ponham à prova seu interesse, não lhes sendo proibido elaborar sua lógica.